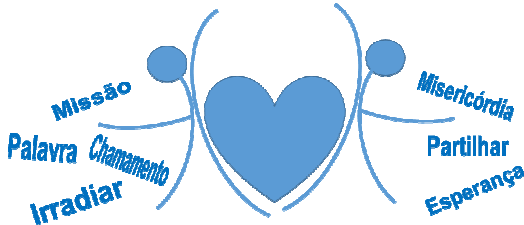


Conferência 3 :

AMAR – SEMEAR : A ALEGRIA DO ENCONTRO



FEDERAÇÕES
CPM

8^{as} Jornadas Nacionais Extraordinárias
50^{as} Jornadas Internacionais

29-30-31 Outubro 2016
Cité Saint-Pierre em Lourdes

« Não ficarmos cristãos engomados »

.....por Jean-Luc Ragonneau

Para isso importa renovar o nosso encontro pessoal com Cristo. É esta familiaridade que nos leva a trabalhar para uma « Igreja aberta » à qual nos exorta o papa Francisco e que pode tornar-se conversa com os noivos que somos chamados a encontrar.

« Não ficarmos cristãos engomados »

Pedistes-me para intervir – agradeço vivamente a vossa confiança – sobre um tema do qual vos recordo os termos : *A alegria do encontro na Bíblia*. Para responder ao vosso convite, inspirei-me nalgumas palavras do papa Francisco, em Maio de 2013, ou seja, algumas semanas após a sua eleição. Dizia ele aos movimentos eclesiais, reunidos em Roma para uma vigília de oração em preparação da festa do Pentecostes : *Não podemos tornar-nos cristãos engomados, aqueles cristãos demasiado educados que falam de coisas teológicas enquanto tomam o chá, tranquilos. Isto não! Devemos tornar-nos cristãos corajosos e ir à procura daqueles que são precisamente a carne de Cristo, aqueles que são a carne de Cristo! Este é o problema: a carne de Cristo, tocar a carne de Cristo, assumir este sofrimento pelos pobres*.¹ Daí o título retido : **Não ficarmos cristãos engomados**. Ele dizia também, no decurso da homilia de 9 de Maio de 2016, na capela da Casa de Santa Marta do Vaticano : *só há uma coisa que o Espírito Santo não pode fazer : cristãos de salão*. E acrescentava na mesma homilia : *a vida cristã não é uma ética, é um encontro com Jesus Cristo*. Dois pontos podem acompanhar a nossa reflexão :

1. **Renovar o nosso encontro com Cristo**
2. **Uma Igreja aberta**

1. Renovar o seu encontro com Cristo

Numa mensagem vídeo, por ocasião do *Jubileu para os adolescentes*, de 23 e 24 de Abril [2016] em Roma, o papa dirigiu-se a eles : *Caros jovens, acontece-me tantas vezes ter de telefonar a amigos, mas sucede que não consigo pôr-me em contacto porque não há rede. Estou certo que isto também vos acontece, que os telemóveis em certos lugares não funcionam... Bem, lembrem-se que se na vossa vida, não houver Jesus, é como se não houvesse rede ! Não se consegue falar e fechamo-nos em nós mesmos. Estejam sempre onde há rede*.²

1 Papa Francisco, Vigília de Pentecostes com os movimentos de Igreja, 18 de Maio de 2013

2 Marie Malzac, *A linguagem 2.0 do papa Francisco para os adolescentes*, la-croix.com, 24 de Abril de 2016

É o que ele já tinha dito, por outras palavras, para a abertura do ano da vida consagrada [somos todos consagrados pelo nosso baptismo, não somente as irmãs, os irmãos, os sacerdotes..., portanto isto tem a ver com cada um/uma], na véspera da abertura, por ocasião da Vigília de oração a Santa Maria Maior, em 29 de Novembro de 2014 : **Ponde Cristo no centro da vossa existência**. Sendo a *norma fundamental da vossa vida* seguir a Cristo como ensina o Evangelho³, a *vida consagrada consiste essencialmente na adesão pessoal a Ele. Procurai constantemente Cristo, queridos consagrados, procurai o seu rosto, que ele ocupe o centro da vossa vida, de modo a que sejais transformados em memória viva da forma de existir e de agir de Jesus enquanto Verbo incarnado, diante do Pai e diante dos vossos irmãos*⁴. *Como o apóstolo Paulo, deixai-vos conquistar por Ele, assumi os seus sentimentos e a sua forma de vida*⁵ ; *deixai-vos tocar pela sua mão ; conduzir pela sua voz, sustentar pela sua graça*⁶.

Donde a importância – repetidamente lembrada por João Paulo II, Bento XVI, Francisco ou outros antes deles – de recentrar a nossa vida em Cristo. Isto é verdade para todos os baptizados. É este recentrar que qualificará os vossos compromissos junto dos vossos irmãos, junto de uns ou de outros. Vós sereis a presença de Cristo continuada, a presença real de Cristo nas suas vidas.

Bento XVI começava a sua encíclica Deus caritas est assim : *Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*. [n. 1]. Francisco, pelo seu lado, numa meditação espiritual durante a missa na capela de Santa Marta na sexta-feira, 30 de Janeiro de 2015, não dizia outra coisa : *trata-se de nunca esquecer o dia do encontro com Jesus, dia de grande alegria, nem a coragem, o entusiasmo e a franqueza dos primeiros tempos onde o cristão tinha uma vontade de fazer grandes coisas. Sem a memória que recorda este entusiasmo do primeiro amor, o cristão corre o risco da tibieza : os cristãos tíbios estão aí, são cristãos, mas perderam a memória do primeiro amor. Perderam o entusiasmo. Perderam também a paciência, que permite aceitar as coisas da vida com o espírito do amor de Jesus ; suportar, levar aos ombros as dificuldades... O cristão tem estes dois parâmetros, que são o quadro para guardar a salvação : a memória e a esperança. Despertar a memória para alimentar a esperança que não desilude, mesmo na obscuridade... Entristece ver tantos cristãos a meio caminho, tantos cristãos empanados nesta estrada em direcção ao encontro com Jesus... perderam a memória do primeiro amor e não têm esperança*⁷.

Do mesmo modo na exortação apostólica Evangelii gaudium [EG], o papa Francisco, com o seu estilo bem particular, introduz com insistência a necessidade para cada um de colocar a pessoa de Jesus Cristo no centro da sua existência, e portanto também da Igreja. Ele abre a sua exortação assim : *Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído»*⁸ [EG, n. 3]. É esta presença na nossa vida – para além de todas as nossas ausências ou desfalecimentos – que proporciona a alegria, alegria

3 Vaticano II, Perfectae caritatis, 2

4 João Paulo II, Vita consecrata, 22

5 Cf. *ibidem*, 18

6 Cf. *ibidem*, 40

7 Zenit, 30 de Janeiro de 2015

8 Paulo VI, Exort. Apost. Gaudete in Domino [9 de Maio de 1975], n. 22



que nada pode roubar ou ofuscar, alegria que é dada para ser partilhada. É o que o Papa Francisco confiou aos jovens reunidos em Cracóvia, em 27 de Julho [2016] à noite : *Mostrai a alegria cristã, a alegria que o Senhor dá, de ser uma comunidade que segue Jesus.*

Necessitamos pois de ser sensíveis a este encontro a renovar constantemente, porque é ele que dá sentido ao nosso compromisso : *Cristo é a «Boa Nova de valor eterno» [Apocalipse 14, 6], sendo «o mesmo ontem, hoje e pelos séculos» [Hebreus 13, 8], mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. ... Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo actual. Na realidade, toda a acção evangelizadora autêntica é sempre «nova».* [EG, n. 11].

Jesus Cristo é para mim ainda, após... anos de vida cristã, uma Boa Nova, quer dizer : é, para além do que sei sobre Ele [que pode ocultar a sua novidade⁹ em nós ou paralisar a busca], para além da minha função, para além das belas frases pronunciadas a seu respeito como as imagens mais piedosas propostas aos outros, uma *novidade* que torna cada momento da minha vida um começo tendo a sua origem nEle ? Como permanece Ele para mim um caminho de felicidade a descobrir ? Aceitamos viver este encontro com o risco que ele nos desinstale, que abane as nossas certezas, que ponha em causa os nossos *planos* [pastorais, em particular] ? *É somente, afirma o papa Francisco, graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da acção evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?* [EG, n. 8].

Esta experiência pessoal dum encontro único, é a que dá sentido à nossa identidade : *Toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que a nossa identidade não se compreende sem esta pertença.* [EG, n. 268]. Somos pois convidados a ser os *transportadores* que Cristo quer, a alimentar este encontro, alimentando-nos da Boa Nova que é Cristo, frequentando assiduamente a Palavra, de forma a estabelecer *uma relação vital com a Palavra de Deus, a fim de orientar para um verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo*¹⁰. É impossível pretender falar de Cristo sem *uma familiaridade pessoal com a Palavra de Deus*, dizia o papa Francisco na exortação apostólica Evangelii Gaudium [n. 150], sem uma familiaridade pessoal no cadinho da nossa existência com Cristo, através do acolhimento da Palavra, através da eucaristia, através do serviço dos irmãos... o serviço do mundo.

Os Evangelhos testemunham esta eficiência do encontro com Jesus. Bastaria retomá-los passagem após passagem. Retenhamos alguns encontros.

No Evangelho segundo João, no capítulo 1, dois discípulos de João Baptista, instigados por ele, seguiram Jesus. O que se passou ? Quais foram as conversas trocadas ? Ignoramos tudo. Apenas sabemos que foram com Ele, que permaneceram junto d'Ele... Contudo, André vai

9 O que sabemos de Cristo pode impedir-nos descobrir mais sobre Ele [Mgr Albert Rouet , J'aimerais vous dire p. 70]

10 *Instrumentum laboris* em vista do Sínodo de Outubro de 2015



buscar o seu irmão, Simão, e leva-o a Jesus... De igual modo Filipe é chamado por um convite ao qual não se furta : Segue-me... Ele vai procurar Natanael e conduzi-lo a Jesus.

No mesmo Evangelho, recordemos esse encontro no poço de Jacob [capítulo 4], uma mulher vem em pleno dia : Era cerca da hora sexta. Trava-se um diálogo entre esta mulher vinda ao poço dos antepassados para buscar água, com que viver, e este homem que propõe uma água viva... Ela entra nesta luz que a ilumina... Regressa para junto dos seus concidadãos, deixando lá a sua bilha tornada inútil : « quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna » [v. 14]... Ela é portadora desta fonte, que jorra aguçando a sede dos outros ; esses outros que vêm a ele e se saciam junto dele : «Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.» [v. 42]

Outro exemplo, no Evangelho de Marcos no capítulo 1. Um leproso vem ter com Jesus e dirige-Lhe uma oração : Se quiseres, podes purificar-me. Jesus responde à sua expectativa estabelecendo com ele uma extrema proximidade : Jesus estendeu a mão e tocou-o dizendo : « Quero, fica purificado ». O homem, então, apesar da ordem de silêncio, põe-se a proclamar bem alto e a espalhar a notícia, de tal modo que Jesus não podia mais entrar abertamente numa cidade porque tinha tocado o leproso, mas vinham ter com Ele de todas as partes.

Podíamos continuar a desfolhar os Evangelhos, para multiplicar os exemplos. Uma mesma e única constatação se imporia : ninguém pode encontrar Jesus sem ser tocado, abanado, virado, derrubado, sem ficar marcado no mais profundo de si e sem se tornar portador desta *Boa Nova* e sem desejar partilhá-la. Uma *Boa Nova* não se esconde, proclama-se, oferece-se, irradia, sobretudo quando todo o ser foi revirado por ela. Encontrar, é deixar-se surpreender. Encontrar Jesus Cristo na sua vida, é deixar uma vida nova entrar em si, é aceitar que amanhã já não seja como ontem. Há um antes e um depois do encontro. Uma porta é transposta, isto está bem expresso no baptismo. Surgiu um novo ser ! É a esta sobrevivida da surpresa que é Cristo no mundo dos homens que o papa Francisco nos convida, para a espalhar aí mesmo onde ela não é esperada : *Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tacteando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos.* [EG, 266].

Seremos ainda, no verdadeiro sentido desta palavra que traz no seu coração a palavra Deus, *entusiastas* [quer dizer, seres possuídos pelo Deus que nos agarra¹¹] ? Cristo, revelador do Pai, habitará em nós ao ponto que aqueles com quem partilhamos a existência, as alegrias e as dores, as esperanças e as tristezas,... possam descobri-Lo aí e ser possuídos por Ele ou seremos, para retomar uma expressão do papa Francisco, *cristãos que têm um ar de Quaresma sem Páscoa* [EG, 6] ?

O renovamento da nossa vida cristã não pode passar sem se recentrar sobre Cristo. Sem Ele no centro da nossa vida, podemos ser actores devotados duma ONG, duma associação, humanitários preocupados com o melhor para o outro, homens abandonados às causas mais nobres, mas seremos *profetas que acordam o mundo* [como nos convida o papa] testemunhando que a aurora do tempo novo já chegou ? Seremos testemunhas da vida nova que faz tanta falta ? Seremos transmissores da esperança que trazem a alegria a um mundo

11 Entheos, possuído por um deus, en = em, theos = deus



que dá sempre a impressão de se debater com as trevas ? Seremos operários do caminho em direcção ao outro num mundo que tende a dobrar-se sobre si, porque, como dizia Bento XVI, a *globalização não produz a fraternidade* ? Só Cristo responde a todas estas interrogações, e daí colocarmo-nos no seu seguimento. Não nos inquietemos se, de vez em quando, o nosso percurso se afasta do caminho que é Cristo, como dizia o Padre Cantalamessa numa conferência durante o Advento de 2014 : *Temos hoje um exemplo banal, mas útil para compreender isto : é o sistema de navegação [GPS = Grande proximidade (e)spiritual] a bordo dos automóveis. Se o condutor, num dado momento, deixa de seguir as suas indicações - virando por exemplo à esquerda em vez de virar à direita - aquele, em poucos segundos, traça-lhe um novo itinerário a partir da posição em que se encontra, até ao destino desejado. É o que Deus faz com cada um para o repor no bom caminho.*

Jesus Cristo faz-nos crescer, conduz-nos para que, por nossa vez, ajudemos os outros a crescer, a levantar-se, eles que estão tantas vezes esmagados pelo peso das incertezas, das dúvidas, das incompreensões, dos conflitos, das violências de toda a espécie, dos falhanços, das rejeições,... Seguir Jesus Cristo, não é ficar na montanha a contemplá-Lo, é descer com Ele à planície onde os homens esperam : *Ao descerem do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos. ... la ter com os seus discípulos, quando viu em torno deles uma grande multidão e uns doutores da Lei a discutirem com eles. Assim que viu Jesus, toda a multidão ficou surpreendida e acorreu a saudá-Lo... [Marcos 9, 9, 14-14].*

2. Uma Igreja aberta

Repor Cristo no centro do nosso ser e do nosso agir conduz a trabalhar por uma *Igreja aberta*. Neste período da história da Igreja, falar duma *Igreja aberta* é quase uma banalidade, uma verdade de *la Palisse*, *uma afirmação ridícula enunciando uma evidência imediatamente perceptível* [como diz o dicionário]. Sim e não. Sim, se me situar do lado do ensino magistral do papa Francisco. Não, se me puser à escuta de tantas vozes que se elevam, desde alguns membros da Cúria romana até outros que participam na vida de tal pequena paróquia aqui ou algures, para se pronunciarem contra esta abertura. Basta prestar atenção a todos esses baptizados ou não, confrontados com uma recusa delicada ou não, com uma porta na cara, com delicadeza ou grosseria com os *porque, compreende : se começarmos a transgredir as normas, se nos permitirmos isto ou aquilo... onde vamos parar ?...* O próprio papa dá disso um exemplo no livro O nome de Deus é misericórdia : *Tendes citado diversas vezes exemplos de atitudes de fechamento : o que é que afasta as pessoas da Igreja ? – Precisamente há pouco tempo, recebi uma mensagem electrónica duma senhora que mora numa cidade na Argentina. Conta-me ela que, há vinte anos, tinha-se dirigido ao tribunal eclesiástico para dar início ao processo de reconhecimento da nulidade do seu matrimónio. Tinha motivos sérios e fundamentados. Um padre tinha-lhe dito que se podia proceder sem problema, porque se tratava dum caso muito claro, respeitando a constatação das causas de nulidade. Mas antes de mais, ao recebê-la, tinha-lhe pedido para pagar cinco mil dólares. Ela ficou indignada e abandonou a Igreja. Telefonei-lhe, falei com ela. Disse-me que tinha duas filhas, muito comprometidas na paróquia. Falou-me dum facto que acabava de acontecer na sua cidade : um recém-nascido de alguns dias tinha morrido sem baptismo, numa clínica. O padre não tinha deixado entrar na igreja os pais com o caixão da criança, tinha exigido que parassem à porta, porque a criança não estava baptizada e por conseguinte, não podia franquear o limiar. Quando as pessoas se acham perante tais exemplos, onde vêem que o interesse, a ausência de misericórdia e de abertura se sobrepõem, ficam indignados [pp. 91-92].*

Contudo, somos forçados a reconhecer que o papa Francisco, no quadro do Ano da Misericórdia como nas suas numerosas e diversas intervenções, desde o início do seu pontificado, não se poupou a esforços [a sua voz] para promover uma outra maneira de fazer



Igreja. A aposta da misericórdia veio dar um fundamento bíblico a este desejo, a esta vontade do pastor : A imagem bíblica do Bom Pastor [João 10, 11-18] resume a missão que Jesus recebeu do Pai : a de dar a vida pelas suas ovelhas. Uma tal atitude é um modelo para a Igreja que acolhe os seus filhos como uma mãe que dá a vida por eles [Audiência geral, 5 de Agosto de 2016].

João XXIII lançou a iniciativa neste sentido dizendo : *A Igreja caminha, e a tarefa daquele que a guia não é guardá-la como um museu.* O concílio Vaticano II exprimiu-o abertamente, isto foi confirmado pelo voto de duas constituições distintas : uma [Lumen gentium] sobre a natureza da Igreja, outra [Gaudium et spes] sobre a Igreja no mundo actual. Paulo VI perseverou neste caminho com esta pequena frase da sua encíclica Ecclesiam suam [1964] : *A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo no qual vive. A Igreja faz-se palavra ; a Igreja faz-se mensagem ; a Igreja faz-se conversação* [n. 67]. João Paulo II não teve fórmulas tão marcantes, mas zelou – à sua maneira – para que a Igreja não vivesse dobrada sobre si mesma e estivesse atenta ao mundo que a rodeia e preocupada com os homens a quem é enviada [cf. as suas numerosas tomadas de posição em favor dos direitos do homem e outras intervenções], tal como o próprio Bento XVI, mesmo que tenha parecido mais reservado neste ponto [a sua renúncia foi uma mensagem que nalguns países teve um eco político].

Simplemente, o *pastor de terreno* que foi por muito tempo o cardeal Bergoglio teve a audácia das fórmulas interpeladoras. Era ele – ainda não cardeal arcebispo de Buenos Aires – que afirmava : *A Igreja deve sair, ir para a rua, ao encontro das pessoas. Deve abrir-se ! Nosso Senhor ficava mal-humorado por ir ao encontro dos seus contemporâneos ?* [Monsenhor Bergoglio, citado por Catherine Rancé, Francisco, um papa entre os homens, p. 173]. Tornando papa, as imagens da Igreja em saída ou de hospital de campanha ajudarão a melhor compreender o que está em jogo numa Igreja aberta : *A Igreja não veio para condenar, mas para permitir o encontro com este amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para que isso aconteça, repito-o frequentemente, é necessário sair. Sair das igrejas e das paróquias, sair e ir à procura das pessoas onde elas vivem, onde sofrem, onde esperam. O hospital de campanha, a imagem pela qual me agrada representá-la, esta Igreja em saída, tem por característica surgir no local de combate : não é a estrutura sólida, provida de tudo, onde se vão tratar as doenças benignas ou gravíssimas. É uma estrutura móvel, de salvação, de intervenção rápida, para evitar que os combatentes sucumbam. Pratica-se aí a medicina de urgência, e não os check-up especializados. Espero que o jubileu extraordinário faça emergir, cada vez mais, o rosto duma Igreja que redescobre o ventre materno da misericórdia, e que ela irá ao encontro dos inúmeros feridos que têm necessidade de escuta, de compreensão, de perdão e de amor* [O nome de Deus é misericórdia].

Na bula de proclamação Misericordiae vultus, fará dela o objecto da missão da Igreja misericordiosa : *A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém.* [n. 12]. Um pouco adiante, retomando a sua preocupação com todos os feridos com que a Igreja se cruza [por vezes, foi ela que os feriu], escreve : *a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda.* [n. 15].

A recente exortação apostólica Amoris laetitia inscreve-se na mesma dinâmica : é um texto nascido da abertura da *Igreja em todas as suas componentes* que foi consultada e



escutada [cf. os questionários precedendo cada uma das sessões], onde o debate pôde ter lugar para anotar as diferenças, onde se assume que uma norma geral e uniforme não pode servir para falar a todos. De onde a necessidade de receber esta recomendação do papa, emitida por ocasião duma audiência geral estival : *É por isso que é importante que o estilo da comunidade, a sua linguagem, os seus comportamentos, estejam sempre atentos às pessoas, a começar pelos mais pequenos. São eles que sofrem mais, nestas situações ... É importante que eles sintam que a Igreja é uma mãe atenta a todos, sempre disposta a escutar e a ir ao seu encontro* [Audiência geral, 5 de Agosto de 2016].

Três palavras parecem poder caracterizar uma *Igreja aberta* :

● **Poliedro.** É uma imagem cara a Francisco para definir o mundo, a Igreja... e também cada uma das nossas comunidades. Ele deu a sua definição [até esse momento só nos aproximávamos do conceito através da leitura dum teólogo que lhe era próximo, Juan Carlos Scannone¹²] quando se encontrou demoradamente com os *peixes cor-de-rosa*, que é uma delegação de actores do cristianismo social : *acho que há uma globalização boa e uma menos boa. A menos boa pode ser representada por uma esfera : todas as pessoas se encontram a igual distância do centro. Este primeiro esquema distancia o homem de si mesmo, uniformiza-o e finalmente impede-o de se exprimir livremente. A melhor globalização seria antes um poliedro. Todos estão unidos, mas cada povo, cada nação, conserva a sua identidade, a sua cultura, a sua riqueza.*

A Igreja é um poliedro. Isto significa que o centro é idêntico para todos. É Cristo, depois cada um, segundo o seu caminho próprio, está unido a Cristo à sua maneira ... e unido aos outros mesmo se nem todos o estão de igual modo. Tal Igreja necessita, para viver como um corpo, que a misericórdia opere entre os seus membros. É já o que S. Paulo enunciava com a imagem do corpo em Coríntios, 1, 12.

● **Integração** é a segunda palavra. Em lugar de proceder por exclusão : os que não respeitam as regras ou não se vergam às normas... não têm lugar, é a afirmação contrária : todos têm o seu lugar : *A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai [...]. Nada de portas fechadas ! Nada de portas fechadas ! todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade. A Igreja [...] é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida penosa.*¹³ Cada qual deve poder, com o seu percurso mesmo caótico integrar-se na Igreja. Nem portas fechadas, nem uniformidade... mas libertados ao trabalho que são atraídos por Aquele que os atrai todos a Si para lhes permitir descobrir a Vida que Ele é e que quer oferecer a cada um. A Igreja não está terminada, está em construção, e cada qual está a caminho nesta construção. Em vez de rejeitar, a Igreja cuida, é chamada a oferecer uma palavra de esperança, a cuidar. Isto deve explicar porque é que na última exortação o papa fala em *manter os pés na terra*.

● **Sinodalidade** é a terceira palavra. O papa insistiu neste aspecto no decurso do Sínodo de Outubro de 2015, quando celebrava o 50^o aniversário da instituição do sínodo romano dos bispos : *O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio.* A sinodalidade é em primeiro lugar um acto de fé : O Espírito Santo opera em

12 *Para evocar os povos da terra bem como o povo de Deus, ele [= Papa Francisco] não toma a imagem tradicional da esfera. Substitui-lhe a do poliedro que unifica, mas não de maneira uniforme. O poliedro respeita as diferenças e mesmo os conflitos. Para transcender os conflitos, é necessário respeitar a parte de verdade que cada parte detém. A compreensão da noção de povo, a partir desta imagem do poliedro é muito importante, não apenas para os povos da terra mas também para o povo de Deus. Isto quer dizer que as diferenças culturais, espirituais e teológicas têm a sua importância. Cada um é importante porque cada um é diferente. Isto não é uma ideia populista do povo.* [Juan Carlos Scannone, *Le Pape du Peuple*, p. 72]

13 Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, n. 47



todo o povo de Deus e devemos escutá-Lo em tudo e em todos. É em seguida exprimir o desejo que todos sejam responsáveis pela Igreja, cada um percebendo que a sua palavra é esperada e entendida, que pode e quer trabalhar com o seu dinamismo : leigos, religiosos/religiosas, sacerdotes, bispos, papa... Certamente que isto necessita de muita misericórdia, querer, ir ao encontro do outro, aceitar as possíveis imprecisões e as buscas e mesmo os erros [o papa fala duma Igreja que corre o risco de se sujar na lama], perdoar, crer que a Igreja não nos pertence mas que é um dom de Deus a descobrir, um dom que não se acabou de descobrir. Esta sinodalidade exprime-se/exprimir-se-á através do diálogo com todos. Lembremo-nos da maneira como Francisco define o diálogo : *Dialogar significa estar convencido que o outro tem qualquer coisa de bom para dizer, dar lugar ao seu ponto de vista, às suas proposições. Dialogar não significa renunciar às suas próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas*¹⁴.

Tornando-nos artesãos desta *cultura do encontro* de que a Bíblia é o fundamento, *cultura do encontro que exige que estejamos dispostos não somente a dar, mas também a receber dos outros*¹⁵, experimentaremos o que Dorothée de Gaza [um homem, esclareço para todos os que têm por nome próprio Dorothée que devem referir-se a Santa Doroteia, uma mártir do século IV], no século VI, explicitava tão claramente numa instrução aos seus discípulos : *Quanto mais estivermos unidos ao próximo, mais estaremos unidos a Deus. Para que compreendais o sentido desta palavra, vou dar-vos uma imagem tirada dos Padres do Deserto. Imaginai um círculo traçado sobre a terra, ou seja, uma linha desenhada a compasso e um centro. Chama-se precisamente centro ao meio do círculo. Prestai atenção ao que vos vou dizer. Imaginai que este círculo é o mundo ; no centro, Deus ; e os raios, as diferentes vias ou maneiras de viver dos homens. Quando os santos, desejando aproximar-se de Deus, caminham em direcção ao centro do círculo, à medida que penetram no interior, aproximam-se uns dos outros ao mesmo tempo que de Deus. Quanto mais se aproximam de Deus, mais se aproximam uns dos outros, e quanto mais se aproximam uns dos outros, mais se aproximam de Deus. E compreendeis que acontece o mesmo no sentido inverso, quando nos afastamos de Deus para nos afastarmos em direcção ao exterior : é evidente então que, quanto mais nos afastamos de Deus, mais nos afastamos uns dos outros, e que quanto mais nos afastamos uns dos outros, mais nos afastamos também de Deus. Tal é a natureza da caridade*¹⁶. Não é isto o que somos chamados a viver nos nossos encontros com os noivos ? Neste caso, verifiquemos se no nosso *Kit CPM* existe um compasso, para viver o que Francisco chama o *apostolado do ouvido*. Obrigado.

Jean-Luc RAGONNEAU sj
Marseille

14 Francisco, *Mensagem do Papa Francisco para a 48ª jornada mundial das comunicações sociais* [1 de Junho de 2014]

15 *Ibidem*

16 Dorothée de Gaza : Instruções diversas do nosso Santo Padre Dorothée aos seus discípulos VI, 77-78, in *Œuvres spirituelles* ; SC 92, Cerf, Paris, 2001, pp. 285-287

